

Projeções do México revolucionário no Brasil (1910-1922)

NATALLY VIEIRA DIAS*

A Revolução Mexicana de 1910 teve significativa repercussão no Brasil através da imprensa. Durante o período da guerra civil a principal fonte de informações sobre o México foram as agências internacionais de notícias, que deram ampla divulgação aos eventos mexicanos por meio de notas telegráficas. Centenas dessas notas foram publicadas pelos grandes jornais brasileiros e, em consequência disso, a visão homogeneizante da rede mundial de informações foi, em grande medida, reproduzida nesses órgãos de imprensa.¹

Do ponto de vista da forma, a maior parte das notícias sobre a Revolução Mexicana se caracterizava pelo aspecto fragmentário e descontextualizado, típico das notas telegráficas. Como muito bem observa Maurice Mouillaud (1997: 32), a rede mundial da informação não apenas impõe ao mundo uma interpretação, mas “a própria forma do acontecimento”, expresso em “unidades instantâneas, breves, descontínuas”; um tipo de discurso que privilegia a informação em detrimento da análise. Quanto ao conteúdo, a tendência observada foi a ênfase em eventos ou situações marcados pela violência, geralmente atribuída aos revolucionários. Esses, em geral, foram denominados de “rebeldes”, “bandos revolucionários”, “hordas” ou “bandidos”; como se percebe, alcunhas carregadas de conotações negativas.

Mas a rede internacional de notícias e seu “modelo informacional” não esgotava as possibilidades de acesso à informação por parte dos editores dos diários brasileiros. Podemos encontrar, por exemplo, reproduções de reportagens de jornais europeus que tinham enviados especiais no México para cobrir a Revolução, além de artigos escritos

* Doutoranda em História - UFMG

¹ No início do século XX as grandes agências de notícias já se organizavam numa espécie de “cartel da informação”, sendo que as três maiores – a francesa Havas, a alemã Wolff e a estadunidense Associated Press – estabeleciam acordos de intercâmbio de notícias, que visavam baratear os custos e diminuir a concorrência entre elas e cujo efeito era favorecer à homogeneização das informações que circulavam pela rede internacional. As notícias de toda a América do Norte eram captadas pela agência estadunidense e distribuídas pelas européias de acordo com as áreas preestabelecidas para cada uma, pois havia, de fato, uma divisão do mundo entre as grandes agências, numa espécie de “áreas de influência informacional”, similar ao modelo imperialista que vigorava então. Nesse circuito da informação a América do Sul estava submetida à distribuição de notícias pela agência francesa Havas. (BARBIER & LAVENIR, 2007:145ss; REYES MATTA, 1980.)

por colaboradores dos jornais brasileiros. Dois casos expressivos desta segunda situação foram os artigos sobre a Revolução Mexicana escritos por Oliveira Lima e por José Veríssimo, publicados n'OESP e no jornal carioca *O Imparcial*, respectivamente.

Vários jornais – como OESP e a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro – apoiaram a revolução política no México, simbolizada pela derrubada da ditadura porfirista. No início, a Revolução normalmente foi apresentada aos leitores como algo positivo e a figura de Madero, que encarnava esse primeiro momento, mais político, da Revolução, também apareceu com conotações positivas.

Mesmo assim, a reprodução massiva de notas telegráficas carregadas por um discurso barbarizador do movimento mexicano acabou dando o tom da repercussão que a Revolução ganhou nos grandes diários brasileiros. Enquanto os artigos de colaboradores eram publicados mensal ou quinzenalmente e as reproduções de reportagens de jornais estrangeiros sobre o México foram esporádicas, as pequenas notas das agências internacionais de notícias foram reproduzidas praticamente diariamente pelos jornais brasileiros, principalmente nos períodos de maior convulsão política no México.

À medida que o movimento revolucionário foi se encaminhando no sentido de uma transformação social mais profunda, principalmente a partir da ascensão dos exércitos populares, a ênfase dos jornais recaiu na divulgação de notícias que priorizavam os aspectos da violência e da destruição material do país revolucionário, configurando um discurso detrator da Revolução e dos revolucionários mexicanos, principalmente dos camponeses.

O alvo principal desse discurso foi o movimento liderado por Emiliano Zapata, de tal forma que o termo “zapatista” muitas vezes funcionou, ele próprio, como signo de violência e barbárie. Para dar apenas um exemplo, vale citar uma nota telegráfica reproduzida pel'OESP, intitulada “As barbaridades praticadas pelos zapatistas no México”, segundo a qual “os zapatistas torturaram, mutilaram e queimaram os passageiros do trem por eles assaltado em Ixtapa, México.” (OESP, 14/08/1912). Esse tipo de notícia foi exaustivamente reproduzido pela grande imprensa brasileira.

Além do caráter fragmentário e descontextualizado das notas telegráficas, essas notas revelam exatamente os mesmos traços da “visão contrainsurgente” identificada por Daniela Marino como um discurso veiculado dentro do próprio México durante o

movimento revolucionário, produzido por órgãos de imprensa ligados a grupos das elites sociais (MARINO, 2009).²

Certamente o conteúdo dessas notícias, ao desqualificar a ação camponesa na Revolução Mexicana, tornava-se conveniente também para os grupos das elites brasileiras dos quais os grandes jornais diários eram órgãos de expressão. Lembremos que no período do auge dos exércitos populares no México o Brasil também experimentava uma forte onda de mobilizações no meio rural, cujos casos mais significativos foram o de Juazeiro, no Ceará, e a Guerra do Contestado, no sul do país.

Nos anos de 1914 e 1915 o Brasil teve uma relação mais direta com os eventos revolucionários mexicanos, ao participar de uma ação diplomática conjunta – com a Argentina e o Chile – para mediar as difíceis relações do país revolucionário com os Estados Unidos, quando os navios de guerra estadunidense invadiram o porto de Vera Cruz.

A maior parte dos diários encampou uma forte campanha ufanista de apoio a atuação do ABC – a como ficou conhecida a mediação – , que foi defendida como demonstração do alto nível de civilização das “potências sul-americanas”. Nesse contexto, o México chegou a ganhar conotações positivas nos diários brasileiros e os sentimentos latino-americanista e antiimperialista foram fortalecidos nos discursos dos jornais. Mas esses discursos se revelaram bastante pontuais e tiveram muito mais o sentido de elevar a atuação da diplomacia brasileira do que de apoiar o processo revolucionário mexicano.

De uma forma geral, até 1915, período de maior instabilidade política no México, e principalmente entre 1913 e 1914, época de maior expressão dos exércitos camponeses, a imagem da Revolução Mexicana que prevaleceu nos grandes diários brasileiros foi bastante negativa, mesmo quando os produtores dos periódicos assumiam um tom claramente contrário à intervenção estadunidense.

A mesma tendência da grande imprensa pode ser observada também num periódico acadêmico como a revista *Época*, órgão da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Em 1914, no contexto da intervenção estadunidense e mediação do ABC, o

² Segundo a autora, o fato de o zapatismo ter sido o movimento revolucionário mais estigmatizado pelo discurso oficial pode ser explicado, em grande medida, por sua composição social majoritariamente indígena, além de camponesa e analfabeta. (p. 236).

professor Sá Viana escolheu a situação do México como tema para sua inaugural do curso de Direito Internacional Público.

Na conferência o professor criticou fortemente a política pan-americana dos Estados Unidos, sobre a qual declarou sua “repulsa”, e defendeu veementemente a soberania nacional mexicana. Destacou que, no plano direito público internacional, “a soberania residia na nação”, sendo México e Estados Unidos duas Repúblicas “perfeitamente iguais”, a despeito da superioridade bélica e econômica da potência continental.

Mesmo assim, ao procurar uma explicação para a continuidade da instabilidade política mexicana, o jurista encontrou a razão na existência de “milhões de índios” no país revolucionário. Segundo ele, tratava-se de uma “massa humana dificilmente adaptável a mais rudimentar civilização, [a qual] não pode[ria] por si mesma compreender e, muito menos praticar, os princípios democráticos.” Assim, não causa espanto o fato de o conferencista ter defendido uma ditadura como a de Porfirio Diaz como o único meio capaz de “conter as impetuosidades” da população indígena do México. (*Época: revista da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro*, 1914, Nº 2, p. 7-26).

Essa visão é bastante representativa da imagem predominante que se formou do México na imprensa brasileira daquele período. O país revolucionário apareceu situado entre a barbárie e o imperialismo, identificado como vítima das atitudes arbitrárias e expansionistas da potência continental e, ao mesmo tempo, aos estereótipos de brutalidade e violência, não raro atribuídos a uma suposta inferioridade racial de sua população.

Mas as imagens negativas do México se modificaram substancialmente nos anos seguintes. Quando tomamos as reportagens, notícias e artigos sobre o país revolucionário publicados na grande imprensa brasileira entre nos últimos anos da década de 10 e os primeiros da de 20, encontramos uma visão predominantemente positiva, bem ao contrário da imagem bárbara dos anos anteriores.

Sem dúvida, essa nova face do México se relacionava diretamente com o novo momento político do país que, principalmente após a Constituição de 1917, começava a consolidar uma nova ordem que pudesse conter o caos da guerra civil. Mas, para nosso intuito de compreender as projeções do México revolucionário no Brasil, é preciso

pensar sobre os meios pelos quais esse “novo México” ganhou repercussão internacional. Afinal, para fins da década de 1910, com o arrefecimento da guerra civil, as agências internacionais de notícias deixaram de divulgar tão intensamente informações sobre a situação mexicana.

Nos primeiros meses de 1917 identificamos vários artigos assinados por Luis Cabrera, então ministro da Fazenda do governo Carranza, publicados em órgãos como o *Jornal do Commercio* e o *Jornal do Brasil*. O primeiro desses, intitulado “O México e os mexicanos”, afirmava de forma explícita que o objetivo da série de artigos a qual dava início era apagar as más impressões sobre o México geradas pela divulgação de falsas notícias sobre a situação do país (*Jornal do Commercio*, 31/07/1917).

Os artigos seguintes procuraram enfatizar o aspecto de reconstrução material e financeira do México, que aparecia como um país que se reerguia após vários anos em guerra civil. Assim, começava a ser projetada através da imprensa uma nova imagem do México revolucionário, ligada às noções de estabilidade e reconstrução, sendo essas identificadas ao constitucionalismo. Nesse novo contexto, a rede mundial deixou de ser o principal artífice da imagem do México revolucionário que circulava internacionalmente e a projeção continental da Revolução Mexicana se tornou um objetivo central da facção constitucionalista, cujo principal interesse era se manter e legitimar-se no poder.

Conforme mostrou Pablo Yankelevich (1996), houve um enorme esforço propagandístico por parte dos constitucionalistas para promover o México revolucionário no continente, principalmente nos países do ABC. Um grande foco da empreitada mexicana foi o âmbito cultural, principalmente através da visita de renomados intelectuais mexicanos a esses países e da utilização do espaço diplomático como meio de divulgação da história e cultura do México.³

Nesse quadro, uma interessante iniciativa do governo mexicano foi a criação de agregações universitárias da legação mexicana, por meio das quais estudantes mexicanos puderam fazer parte de seus cursos em universidades de países sul-americanos. Dessa forma, em 1919, chegava ao Brasil o mexicano Pablo Ortiz,

³ O autor destaca que a estratégia propagandista a favor do México no âmbito continental foi utilizada pelos constitucionalistas como uma espécie de “retaguarda internacional” da Revolução, frente à ameaça estadunidense. Assim, destaca, “o interesse mexicano pela América Latina aparece como uma estratégia de caráter defensivo”, sendo o discurso em torno “a unidade da América Latina assumido como parte dessa estratégia.” (YANKELEVICH, 1996: 373)

estudante de Direito, que foi recebido pela Faculdade do Rio de Janeiro. O discurso de recepção do estudante mexicano foi publicado na revista da faculdade e expressa de forma pertinente a proeminência continental que o país revolucionário adquiriria no período.

O discurso foi proferido por um estudante brasileiro, identificado como Trigo Loureiro, quem elogiou a proposta mexicana de intercâmbio cultural como “o início de uma nova política nas relações entre os povos latino-americanos.” A identidade continental e a importância do México no contexto latino-americano foram assim descritas:

Herdeiro do passado de glórias dessa raça [asteca], o mexicano de hoje reflete todos os inexauríveis tesouros morais de seus maiores. Uma teoria que pretende distribuir as raças humanas entre superiores e inferiores [...] uma teoria repudiada pela ciência moderna [...] arrola todos os povos mestiços na pecha de inferiores, ingovernáveis, incapazes. Povos inferiores, [...] somos todos nós, senhores, de um extremo a outro da América latina, pois que somos mestiços. No entanto, [o que essa teoria afirma] [...] não é o que a realidade presente demonstra. Se há na América povos que não progridem [...] há que buscar em causas outras, de ordem social e política a explicação desse fato. Sendo, dentre todos os povos da América, um daqueles em que mais se acentua a proporção de mestiços, é o México um desmentido vivo, uma negação presente a essa celebrada afirmação.

Para além do tom elogioso, natural para a ocasião, o discurso permite identificar alguns pontos que explicam a importância crucial do México revolucionário no debate latino-americano naquele contexto. Em primeiro lugar, a valorização do “nativo” – identificado ao nacional, mas também ao “americano” – em contraposição ao “exótico”, foi princípio que serviu para embasar a defesa da possibilidade de um desenvolvimento próprio do continente diante da crise do paradigma europeu, em decorrência da Grande Guerra. Assim, o México revolucionário – com sua postura de valorização do nacional e do passado indígena e sua revolução elevadora da condição social do país – foi amplamente valorizado como uma espécie de vanguarda continental de um processo de desenvolvimento autônomo.

Tanto a noção de uma identidade latino-americana quanto ideia de desenvolvimento autônomo do continente foram elementos priorizados dentro da estratégia de promoção internacional do México revolucionário. No cenário brasileiro, um dos momentos mais expressivos da estratégia propagandística mexicana ocorreu em

1922, com a missão diplomática encabeçada por José Vasconcelos, intelectual bastante representativo do latino-americanismo.

Vasconcelos, então secretário de educação pública do governo Obregón, esteve à frente da missão mexicana que procurou marcar de forma extremamente notória sua presença na ocasião das comemorações do centenário da Independência brasileira. O governo mexicano enviou ao Brasil uma série de presentes, que incluíram elementos suntuosos como a estátua de Cuauhtémoc – último imperador asteca, que foi morto pelos conquistadores espanhóis – e a construção de um pavilhão mexicano em estilo colonial, além da exposição de artesanatos mexicanos e de orquestras mariachis (CRESPO, 2003: 196).

Mas parte significativa da presença mexicana no Brasil nessa ocasião deveu-se a atuação do próprio Vasconcelos, figura emblemática da reconstrução nacional do México pós-guerra civil. Logo que chegou ao Brasil, o ilustre mexicano declarou, em entrevista ao *Jornal do Commercio*, que buscava, “através de entrevistas, artigos e conferências, demonstrar o estado social e político do México” (10/08/1922). Além dos aspectos nacionais, ressaltou a intenção mexicana de “buscar o apoio dos países do Sul”, para edificar “um espírito latino-americano forte, digno, nobre e poderoso” (*Jornal do Comércio*, 19/08/1922).

O discurso de Vasconcelos também apresentou uma faceta política bastante crítica, se considerarmos o contexto brasileiro em que se fazia ouvir. Apesar de destacar a importância do “intercâmbio de ideias e produtos” e de “relações verdadeiramente cordiais entre povos da mesma raça”, destacou que isso era dificultado pelas “grandes diferenças nas condições sociais”. Declarou explicitamente: “a primeira condição para que os povos se entendam e trabalhem em comum [...] consiste em fundar em todos os nossos países uma verdadeira democracia.” E prosseguiu: “enquanto os povos estiverem nas mãos de grupos militaristas ou de oligarquias capitalistas, não se fará nada em benefício dos povos” (*Idem*).

Com essas afirmações, o discurso do mexicano agradou a boa parte das elites brasileiras, identificadas a tendências reformistas, que buscavam o fim da ordem oligárquica no país. À frente de órgãos como as revistas *Brasil Contemporâneo* e *Revista da Semana* deram amplo destaque à presença e atuação do ilustre mexicano no cenário brasileiro (Nº 27 e 45, 46, respectivamente, setembro de 1922).

Embora o meio diplomático já estivesse sendo fortemente utilizado pelo governo mexicano em sua estratégia propagandística do México revolucionário no Brasil, no início da década de 20 as representações diplomáticas dos dois países ainda não haviam atingido o nível de embaixadas. Mas precisamente em 1922, após a presença marcante da comitiva mexicana – e particularmente de Vasconcelos –, o governo mexicano alcançou um de seus objetivos, com a elevação da representação brasileira no México a categoria de embaixada.⁴

A aproximação diplomática entre os dois países, consolidada no início da década de 20, foi uma conquista bastante significativa da estratégia de projeção internacional do México revolucionário tecida de várias formas a partir da ascensão dos constitucionalistas. Em todo esse processo a imprensa desempenhou um papel fundamental.

Em meados da década de 10, em decorrência da guerra civil, a imagem predominante que circulava do México e de sua revolução no exterior era extremamente negativa e o principal veículo dessa divulgação era a imprensa internacional. Poucos anos depois, já no início dos anos 20, a visão predominante do México que encontramos na imprensa brasileira apresentava contornos extremamente positivos, que configuravam uma imagem construtiva e até mesmo vanguardista do país revolucionário. Essa constatação mostra que a estratégia oficial mexicana, em grande medida, foi capaz de combater a “lenda negra” criada em torno da Revolução Mexicana pelo discurso difundido através da rede internacional de notícias.

Pensamos que a eficácia da estratégia mexicana pode ser explicada, ao menos em parte, pelo fato de que os constitucionalistas conseguiram perceber e utilizar em seu favor o valor estratégico da imprensa. Como destacamos, a publicação de artigos em grandes órgãos de imprensa foi uma das primeiras ações privilegiadas pelo governo Carranza para a projeção internacional do México revolucionário.

Nos anos seguintes, o intercâmbio cultural e a aproximação diplomática ganharam lugar central, mas a divulgação do México através da imprensa não deixou de cumprir um papel significativo dentro da estratégia propagandística mexicana. Basta lembrar da

⁴ Em seu estudo histórico sobre as relações diplomáticas entre México e Brasil, Guillermo Palácios (2008: 203-4) afirma que “as mútuas satisfações sentidas pelos governos do México e do Brasil durante as festas do centenário” culminaram na elevação a categoria de embaixada da legação brasileira naquele país, em retribuição ao mesmo gesto, que havia sido realizado pelo governo mexicano no início de 1922.

missão cultural encabeçada por Vasconcelos, que virou assunto da imprensa não apenas por sua suntuosidade, mas igualmente pela disposição do intelectual mexicano em dar declarações aos jornalistas.

Dessa forma, junto com outros âmbitos priorizados pelo governo mexicano, como o diplomático e o acadêmico, a imprensa cumpriu um papel fundamental na configuração de uma imagem positiva do México revolucionário no Brasil.

Fontes

Jornais:

Minas Gerais (1910-1915)

Gazeta de Notícias, RJ (1910-1915)

O Estado de São Paulo (1910-1915)

O Imparcial, RJ (1911-1914)

Jornal do Comércio, RJ (1922)

Revistas:

Época: revista da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, (1914 e 1919)

Revista da Semana (1922)

Referências bibliográficas

CÓRDOVA, Arnaldo. *La revolución y el Estado en México*. México: Era, 1989.

CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, 2003, p. 187-208.

MARINO, Daniela. Dos miradas a los sectores populares: fotografiando el ritual y la política em México, 1870-1919. In: *Historia Mexicana*, Vol. XLVIII, Nº 2, 1998. (Disponível em http://historiamexicana.mx/pdf/131art_13_1872_16020.pdf, acesso em 12/2009).

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *O jornal, da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PALACIOS, Guillermo. *Intimidades, conflitos e reconciliações. México e Brasil, 1822-1993*. São Paulo: Edusp, 2008.

YANKELEVICH, Pablo. *Miradas australes. Propaganda, cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana em el Río de la Plata, 1910-1930*. México: Instituto Nacional de Estudios de la Revolución Mexicana, Secretaría de Relaciones Exteriores, 1997.